

## A reivindicação de espaços de criação cultural pela população feminina, negra e periférica através da poesia falada de Tawane Theodoro

Heloisa Brito<sup>1</sup>

(Orientador: Prof. Sinei Sales<sup>2</sup>)

(Orientador: Prof. Gilliale Jeremias<sup>3</sup>)

**Resumo:** O presente artigo analisa os Slams de Poesia sob a ótica da obra de Tawane Theodoro, observando como esta dialoga com o público feminino negro periférico. Inferiu-se que os recursos linguísticos, a performance, a interlocução direta, a denúncia social e a articulação entre experiências individuais e coletivas incentivam o reconhecimento, pertencimento e ocupação de espaços culturais historicamente negados a grupos marginalizados, além de transmitir mensagens de conselho e conscientização.

**Palavras-chave:** Slam; poesia falada; identidade coletiva; escrevivência; representatividade.

**Abstract:** The present article aims to analyse the Poetry Slams under the optics of Tawane Theodoro's literary work, observing how it dialogues with the feminine, black and marginalized audience. The linguistics resources, performance, direct speech, social commentary and articulation between individual and collective experiences encourage the recognition, belonging, and occupation of cultural spaces historically denied for marginalized groups, and also transmit messages of advice and awareness.

**Keywords:** Slam; spoken poetry; collective identity; "escrevivência"; representation.

### Introdução

Na Grécia Antiga, os espaços coletivos, denominados Ágoras, foram fundamentais para o desenvolvimento filosófico urbano.

No contexto de polis grega, as leis comuns nasciam de uma convenção entre cidadãos, definida pelo confronto de suas opiniões em um verdadeiro espaço público, a ágora, confronto esse que concedia a essas convenções a qualidade de instituições públicas.  
(MAGDALENO, p. 23, 2008).

No entanto, o conceito de "ambiente público" era limitado, uma vez que o acesso a esse espaço era restrito à aristocracia grega, enquanto outras parcelas da população eram "excluídas da natureza do ser cidadão, que é participar ativamente da vida pública." (Ribeiro, 2002). Sendo assim, a palavra era restrita a um pequeno grupo

---

<sup>1</sup>. Aluna do 3º ano do ensino médio da Beacon School.

<sup>2</sup>. Formado em Letras pela Universidade de São Paulo.

<sup>3</sup>. Formado em Letras pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho".

social e intelectual, enquanto a maioria era alienada do processo de formação do pensamento crítico.

Séculos depois, o processo de desenvolvimento literário culmina no primeiro movimento de língua portuguesa: o Trovadorismo. Incorporando elementos da poesia e da música, as cantigas trovadorescas eram divididas entre líricas (relativas ao sentimento) e satíricas (com teor crítico). Sua característica principal era o fato de serem cantadas, acompanhadas de instrumentos musicais. Posteriormente, algumas correntes literárias beberam dessa fonte, ressignificando aspectos da poética trovadoresca (Bessa et al., 2025). Analisando nessa forma, é possível até pensar a oralidade como uma forma mais democrática de expressão poética.

Na Era Contemporânea, marcada pelos emergentes movimentos sociais, esse meio de propagação e produção cultural se mostrou um canal eficaz. Exemplo disso é o Slam de Poesia, que, ao contrário da dinâmica grega, possui um caráter democrático e acessível. Criado na década de 80 por Marc Smith, em Chicago, Estados Unidos, esse movimento artístico e social, que combina poesia falada e performance, se apropria do conceito de literatura marginal para alcançar um público antes não inserido no meio de produção literária.

Em 2008, a noção de poesia oral como expressão política e artística é introduzida ao Brasil por Roberta Estrela D'Alva, que define o Slam como um

“movimento de poesia popular, feita pelo povo e para o povo, que tomando para si de um lugar que é seu por direito, comparece em frente a um microfone para dizerem quem são, de onde vieram e trazer suas diversas poéticas, estéticas e seu ponto de vista sobre o mundo em que vive. É um espaço da escuta de vozes silenciadas. É a performance do corpo a corpo, do olho no olho, do ritual onde a palavra é comungada entre todos, sem hierarquias”  
(D’Alva, 2023)

Nesse sentido, esse estilo atinge mais intimamente um público jovem, composto em especial por classes historicamente inferiorizadas; pessoas negras e mulheres, por exemplo, são parte notável dos Slammers, uma vez que estes grupos foram, ao longo da história, desvalorizados e colocados em posições de desigualdade, de submissão e esquecimento. Assim, tendem a ter maiores dificuldades no que tange o acesso à educação, tendo em vista o histórico da cultura nacional, enraizada em tradições escravocratas e machistas. Dessa forma, muitos poetas de Slams brasileiros enfocam temáticas como as lutas anti-racista e feminista, oferecendo, através da palavra, uma oportunidade de reconhecimento e empoderamento de suas identidades coletivas.

Seguindo essa lógica, a poeta Tawane Theodoro, que participa do Slam da Guilhermina, localizado na região periférica da Zona Leste de São Paulo, é uma das vozes mais emblemáticas do movimento. Como mulher negra e moradora do Capão Redondo, bairro periférico da Zona Sul de São Paulo, representa uma parcela de pessoas que “por não serem nem brancas e nem homens, ocupam um lugar muito difícil na sociedade supracitada branca” (Ribeiro, 2019). Como reflexo, sua obra perpassa o conceito de escrevivência, que, para Conceição Evaristo (2020), representa a tentativa de inserção num mundo excludente a partir de histórias próprias, que narram a trajetória de resistência das minorias. Em outras palavras, os poemas de Tawane partem de vivências pessoais que descrevem uma experiência coletiva, fundamentada nas estruturas sociais e políticas que a perpassam.

Nesse quadro, este artigo buscará responder à pergunta de pesquisa: “Como os recursos linguísticos da poesia de Tawane Theodoro, ao dialogarem com o público feminino, negro e periférico, contribuem para a reivindicação de espaços de criação cultural?”.

### **Metodologia**

Para responder a essa pergunta da pesquisa, este ensaio terá como fios condutores as poesias autorais “O peso das palavras”, “Eu não queria ser feminista”, “Final do Slam da Guilhermina de 2021” e “Qual a guerra que nóiz vai enfrentar?”, selecionadas com base em três critérios: (1) representação dos diferentes eixos temáticos abordados por Theodoro – racial, de gênero e de classe –; (2) existência de registro audiovisual completo e de boa qualidade no canal oficial do Slam da Guilhermina; e (3) serem de autoria e performances públicas da artista.

Essas poesias foram transcritas a partir de gravações das performances de Theodoro, veiculadas na Internet e analisadas, a princípio, sob uma ótica autoral. Em seguida, foi realizada uma revisão de artigos e pesquisas já consolidados sobre o tema, com o objetivo de confrontar as hipóteses com teorias previamente estabelecidas.

### **Objetivos**

A investigação tem como finalidade principal analisar os poemas de Tawane Theodoro, buscando compreender como estes constroem uma ponte entre sua obra e seu público, tratando sua identidade e vivências de forma metonímica em relação aos grupos sociais ao qual pertence de maneira a contribuir para a ocupação dos espaços de criação artística, lançando luz sobre diferentes vozes. Em segundo lugar, busca identificar intertextualidades, contextos socioculturais, referências históricas e outros repertórios utilizados pela poetisa a fim de corroborar uma mensagem de esperança e conscientização desses mesmos grupos.

### **Análise**

O primeiro poema a ser analisado é “O Peso das Palavras”, apresentado por Tawane Theodoro na final do Slam da Guilhermina de 2019, e representa o eixo mais metalinguístico dessa análise, funcionando como um prefácio que guia sua obra ao discutir o próprio ato de escrever e trazer à tona a responsabilidade de quem tem acesso à palavra.

A primeira estrofe do poema é uma citação da canção “Moleque Atrevido”, de Jorge Aragão, que destaca a importância de entender e respeitar as raízes do samba, ritmo de origem afro-brasileira, e de respeitar os sambistas antigos que, apesar do preconceito, atrevidamente chegaram onde chegaram, uma intertextualidade dá o tom ao resto do poema.

Na segunda estrofe, um importante conceito é apresentado: a poesia marginal.

É que poesia marginal é mais que texto com palavras bonitas  
Pra gente rica fazer reflexão  
Isso aqui é papo de salvação (Theodoro, 2017)

No contexto de uso desse excerto, é importante notar que o termo “marginal” não se refere ao movimento literário da Geração Mimeógrafo na década de 70, que também recebe o título de “marginal” por estar às margens do meio editorial e é composto, principalmente, pela classe média. A poesia marginal à qual, de fato, se faz

referência no poema, se volta, em contraste com a geração setentista, à população periférica, ou seja, a um grupo que está às margens da sociedade, do espaço de produção literária, e aos assuntos relativos a este. Mesmo assim, convergem no princípio de subversão, apesar das diferentes maneiras de expressá-la e dos diferentes enfoques. Para a nova poesia marginal, o objetivo é democratizar acessos que, antes, eram limitados a uma elite, o que, relacionando com o poema, fica evidente nos versos:

Quero as crianças da viela me entendendo (...)  
Não preciso vir aqui despejar palavras bonitas de difícil entendimento  
Eu quero as mana preta me olhando e falando: “por causa da sua poesia,  
a minha autoestima ‘tá crescendo”  
(Theodoro, 2017)

Nesse sentido, essa poesia marginal toma para si o papel de ressignificar a palavra e usá-la para fortalecer uma parcela da sociedade. Por isso, essa expressão artística seria um tipo de “salvação”: por reivindicar uma identidade que vai além de “palavras bonitas”, por incomodar antes de agradar, por salvar através do senso de comunidade, do sentimento de luta conjunta que toca desde “as crianças da viela” até as “mana preta”.

Essa identidade, que engloba em especial moradores de regiões periféricas e, conseqüente e estatisticamente, pessoas pretas, contribui para uma formação não só cultural – do acesso à literatura, do entender que grupos marginalizados podem e são, sim, parte da história literária, como a própria poeta reivindica – mas também social – de não ir pelo “caminho errado” das drogas e da criminalidade, por exemplo, problemas tocantes à realidade dos ouvintes.

Para firmar esse discurso e se aproximar do público, Tawane utiliza um tom coloquial, criando identificação: o emprego de palavrões e gírias como “papo de...”, “mana”, uso de locução conjuntiva como “é que” no começo de frase e a omissão do plural são recursos intencionais que facilitam o diálogo entre o emissor e o receptor, democratizando o entendimento.

Outra temática relevante nesse poema é a do lugar de fala, conceito que, para Djamila Ribeiro (2019, p. 61), define as “condições sociais que permitem ou não que esses grupos acessem lugares de cidadania” em complemento à ideia de que “o falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas poder existir” (RIBEIRO, 2019, p. 64). Nesse sentido, a própria poeta exerce esse conceito, ao reivindicar sua performance e seu microfone como lugar legítimo de fala.

Assim, Tawane usa seu lugar de fala para defender que pessoas que têm a possibilidade – muitas vezes excepcional em comparação às estatísticas – de desenvolver a habilidade de expressão escrita, deve usá-la não só para competir nas batalhas e garantir fama, mas também para provocar questionamento e mudança, pois de nada adianta a fala se não há ação e crítica – que surge a partir da vivência – para embasá-la:

Cês acham mesmo que o Marc Smith criou o Slam,  
Aí Roberta Estrela D’Alva foi lá em Chicago,  
Conseguiu trazer ele pra cá,  
Pra vocês meterem o louco e de discurso alheio se apropriar?  
(Theodoro, 2017)

Em outras palavras, a artista questiona uma falsa representatividade por parte de pessoas que não vivenciam, de fato, o que recitam, perguntando retoricamente se

elas acreditam que o criador do Slam, Marc Smith, e a responsável por trazê-lo ao Brasil, Roberta Estrela D’Alva, teriam essa atitude.

Em complemento, ainda nessa estrofe, é possível verificar o tema da hereditariedade, discutido ao longo do texto tanto pelo lado do respeito às raízes, assim como colocado na canção de Aragão, quanto pelo da responsabilidade de influenciar. Reconhece a importância de respeitar a luta de quem veio antes – Marc Smith, Roberta Estrela D’Alva – e, igualmente, o compromisso de ser, nas atitudes, um modelo que possa ser seguido pelas próximas gerações, porque o motivo dessa luta seria, metonimicamente, uma criança perguntar à poeta: “e aí tia, como é que eu faço pra também tá rimando?”.

No entanto, o foco central do poema é a expressão metafórica e metalinguística presente logo no título, “o peso das palavras”. Esse termo é recorrente ao longo do texto e reforça um sentido de causalidade: “as palavras são pesadas para o futuro ser leve”, assim como em “se vocês ensinam ódio / nós não vai ensinar a fazer carinho”; são essas antíteses que qualificam – e distanciam – o sujeito “nós” do sujeito “eles”, recurso que contribui para a construção da identidade a partir não exclusivamente da definição do que é ser, mas também do que é não ser.

Assim, depreende-se que Tawane usa a palavra para discutir sobre a própria palavra e o poder que essa tem de transformar uma realidade violenta, por vezes desanimadora, em esperançosa, encorajadora, uma antítese que, dessa vez, cumpre papel de incomodar, pois incentiva as minorias sociais a ocupar espaços que lhes foram – e ainda são – historicamente negados.

“Eu não queria ser feminista”<sup>4</sup>, performado na final do Slam da Guilhermina de 2017, põe em foco o eixo do gênero, discutindo a partir de experiências femininas cotidianas, a tensão entre o desejo individual e a necessidade de luta coletiva. Para tanto, explora um interessante recurso linguístico: a ironia, que ressalta a contradição entre o “querer e o poder”. Por um lado, a poeta afirma não querer ser feminista, ou seja, não querer lutar pelos direitos das mulheres, por equidade em relação aos homens. Por outro, declara que “diante de uma sociedade tão egoísta”, ela “não tem opção”. Essa dualidade é recorrente e se justifica pela própria realidade das mulheres no Brasil. Além disso, representa uma quebra de expectativa não só linguística, mas social.

Em primeiro momento, pode parecer contraditório uma mulher reconhecida pela sua militância declamar que detesta ser feminista, e ela mesma reconhece isso. Por esse motivo, na segunda estrofe, se explica:

Calma, sociedade Não comece a sorrir  
É porque mulheres não tinham que precisar resistir tanto assim  
(Theodoro, 2017)

Assim, entende-se que essa fala parte de uma visão utópica, e não baseada na realidade. Tawane odeia ser feminista pois defende que, em uma “era tão tecnológica”, mulheres não deviam precisar “resistir tanto assim”. Mesmo assim, aproveita a quebra de expectativa – o impacto causado por dizer o contrário do que se espera ouvir e do que de fato se quer dizer – para reforçar ainda mais seu argumento de que não é possível, em um mundo como o atual, mulheres não precisarem ser feministas.

---

<sup>4</sup>. Uma transcrição escrita do poema está disponível em: THEODORO, Tawane Silva. Eu não queria ser feminista. Slam Digital. Disponível em: [https://slamdigital.com.br/poesia/eu-nao-queria-ser-feminista/?utm\_source=chatgpt.com]. Acesso em: 2 set. 2026.

Para exemplificar, de forma mais didática, cita situações que infelizmente são comuns à rotina de muitas mulheres: relacionamentos abusivos, importunação sexual dentro de transporte público (nesse caso, há também um recorte de classe) e medo constante de ser vítima de crimes hediondos como o estupro, que pode ser até maior do que o medo de sofrer um assalto, segundo Tawane. Esse recurso ilustra diretamente o conceito de escrevivência proposto por Conceição Evaristo (2020), uma vez que a vivência individual relatada também reflete múltiplas realidades compartilhadas por outras mulheres, nas quais a violência é um ponto de intersecção, o que torna este poema não só um desabafo da autora, mas, mais importante, um relato coletivo.

Além disso, para aprofundar e dar mais credibilidade ao seu discurso, menciona diversas estatísticas sobre a violência contra a mulher no Brasil e no mundo, concluindo antiteticamente ao terminar de listar esses dados: “cês acha que o feminismo é exagero? / O feminismo é um desespero!”.

Frente a esse cenário, é lógico assumir que as respostas não serão delicadas. Assim como colocado em “O peso das palavras”, há uma relação de causalidade entre ação e reação. Nesse caso, a ação é violenta, então a reação também é:

Foi-se a época de gentileza Eu jogo dois pé no peito memo  
Passo por cima de qualquer tipo de sujeito  
Derrubando esse seu preconceito (Theodoro, 2017)

Em razão disso, confundir a violência do opressor com a reação do oprimido é um erro, pois é preciso antes entender que elas têm motivações muito distintas. Assim, busca-se legitimar a luta empreendida, ao passo que se questiona a violência sistemática.

Por fim, a solução para o problema é apresentada a partir de um tom esperançoso. Essa resposta seria a união entre as mulheres, que, fortalecidas pela luta das que vieram antes (outro paralelo que se faz com “O peso das palavras”), quebrariam mais uma expectativa e, assim, lutariam por sua liberdade e felicidade. Essa expectativa é a de que, não bastasse a violência já sofrida, as mulheres, de certa maneira, agriam a si mesmas e umas às outras. Isso porque cada vez mais a mídia impõe padrões de beleza inalcançáveis – uma agressão psicológica que, por vezes, prejudica também a saúde física –, bem como fomenta a rivalidade feminina, isto é, a construção cultural de que mulheres deveriam competir entre si por reconhecimento ou espaço.

Portanto, para Tawane, é somente quando as mulheres conseguem se desprender dessas imposições e se entender como coletivo que mudanças podem realmente acontecer, de forma que, como a poetisa propõe, “a próxima geração não enfrente um mundo tão sem noção”.

Diferente dos dois poemas anteriores, o “Final do Slam da Guilhermina de 2021” assume um caráter mais autorreflexivo, ao passo que Theodoro comenta sua própria trajetória com a escrita, e, ao mesmo tempo, denunciativo, nomeando a quem sua crítica é direcionada. É, portanto, um texto metalinguístico que endereça a dois públicos diferentes: aquele que pertence às mesmas minorias sociais e aquele que não, buscando ora aconselhar, ora incomodar. Isso fica explícito logo na primeira estrofe:

Nessa poesia, eu falo muito “nós”, “meus”, “vocês”, “eles”...  
Mas eu não vou precisar especificar quem somos “nós”, e quem são  
“vocês”, “eles”,

até mesmo porque, quem é nós, sabe  
e quem são eles, mesmo tentando ser nós, vai saber também Porque...  
eu sou o preto mais odiado que vocês vão ver  
Eu sou o preto mais odiado que vocês vão ver (Theodoro, 2021)

Tal observação cabe tanto para esse falante quanto para outros poemas de sua autoria, pois grande parte destes, por tratarem de problemas individuais que são, ao mesmo tempo, coletivos, exploram diferentes tipos de pronomes como recurso linguístico. No verso “Nessa poesia, eu falo muito “nós”, “meus”, “vocês”, “eles””, Tawane afirma a intencionalidade de um importante artifício textual: o endereçamento e a separação das diferentes pessoas do discurso. Mais especificamente, definir com clareza o igual – pessoas periféricas, em especial negras; os oprimidos – e o diferente – quem representa a elite branca opressora – explica e justifica as temáticas abordadas em sua poesia: realidades em que a relação entre um e outro é violenta, privilegia um lado e incomoda, de formas diferentes, aos dois. Essa delimitação entre o igual e o diferente, o nós e eles, reforça, novamente, um lugar de fala, ao reconhecer as diferentes posições das quais se fala e dando destaque às narrativas periféricas e negras e tirando-as do papel secundário a que tradicionalmente foram relegadas.

Ademais, Tawane explora um humor ácido para criticar essas relações. A exploração de recursos performáticos, como nos versos “Quando eu tô nervosa, eu não saio batendo / Eu desenrolo na escrita / Às vezes...”, em que a parte “às vezes” é pronunciada fora do microfone, quase que em uma despresticiosa confissão, engaja o público por meio da quebra de expectativa. O emprego de frases do cotidiano popular, como “minha mãe já me disse: filha, você não é todo mundo”, além de aproximar o ouvinte, que reconhece sua própria vida naquelas palavras, contribui para a criação dessa atmosfera sarcástica, mais provocativa do que didática. Dessa mesma maneira, o uso de substantivos de significado forte como em “a preta que cês detesta” e de uma entonação mais energética como em “vim pra passar o recado” tem efeito provocativo, o que também caracteriza seu protesto.

Além disso, o repertório cultural revisitado contribui tanto para o embasamento da argumentação de Theodoro – através do diálogo com as ideias de outros artistas, por vezes mais reconhecidos – quanto, principalmente, para a criação de uma identidade negra com representatividade.

No caso em questão, a referência é a uma música do cantor baiano Baco Exu do Blues, e essa identidade parte de uma experiência pessoal, mas compartilhada: ser “o preto mais odiado que vocês vão ver”, isto é, no contexto de uma sociedade racista, ser uma pessoa negra que reclama seus direitos, faz barulho, incomoda. Nesse âmbito, cabe a pergunta “incomoda a quem?”, cuja resposta está inserida no próprio poema, quando Tawane aponta: “Eu queria parar de falar, mas vocês seguem sendo racista / Então eu vou ter que continuar”. Esse é o único texto analisado nessa pesquisa em que a autora direciona sua fala, predominante e muito diretamente, para um receptor: o outro, o de fora, o “privilegiado”, o “inimigo”, o “branco”.

Isso fortalece o clima que se desenvolve ao longo de todo o texto, partindo de um lugar, como dito anteriormente, mais confrontativo, o que o uso da figura de linguagem ironia reforça ainda mais. Nos versos “escutei dessas pessoas que todos somos iguais / E o que vale é o que tem dentro do coração / Tão fofinho!”, constrói-se inicialmente uma ideia concordante, que rapidamente é arrebatada pelo peso dos versos seguintes: “Querida entender então / Por que que temos que explicar pras nossas crianças como fugir do racismo / Percebe o egoísmo?”. Essa relação de completa oposição, interligada ao tom criticamente humorístico do poema, coopera para reforçar seu caráter confrontativo. Esta, por sua vez, deixa clara a intenção da

autora: clamar o que há de ser clamado, sem se preocupar em ser um “cristo redentor (...) de braço sempre aberto” ou em ter “delicadeza”.

Outro artifício explorado é a contradição entre o querer e o poder:

Comemorar cada representatividade em cada âmbito da vida em pleno  
século vinte e um  
Eu até concordo que isso não deveria ser comum  
Mas as nossas conquistas sempre vieram atrasadas  
E vocês não têm respeito nenhum  
(Theodoro, 2021)

Essa relação antitética, presente não só nesse mas também em outros textos, como “Eu não queria ser feminista”, sugere um impasse da poeta, que compreende a importância de ser militante apesar de viver “em pleno século XXI”, marcado pela ideia de avanço e modernidade.

Em síntese, seu “recado” é, apenas agora, direcionado a um diferente receptor: as pessoas pretas (“Pretos, se hidratem, cuidem da sua saúde mental”), e pede que, em caso de necessidade, “liga nós”, demonstrando essa comunidade que se cria a partir da identificação entre seus membros, em uma troca de companheirismo. No entanto, o real endereçamento final retoma o branco como público principal, reiterando o argumento de que, se houve incômodo da outra parte, é porque a sua poesia cumpriu seu grande papel e, desse momento em diante, o problema de lidar com esse sentimento é de responsabilidade única do ouvinte: “E brancos, que se sentiram devidamente incomodados com essa poesia, / Eu só tenho uma coisa a dizer: / O que eu tenho a ver?”.

O último poema a ser analisado, “Qual a guerra que nóiz vai enfrentar?”, performado em 2020, rompe com o tom combativo dos anteriores para tratar do cuidado individual como uma parte indispensável da luta coletiva, questionando o próprio público sobre seu estado emocional e físico. Desse modo, um tema central é a vulnerabilidade, apresentada como um recurso que não só faz parte do processo de militância, mas que é intrinsecamente necessário para o avanço das pautas ativistas. Isso fica explícito desde o primeiro questionamento feito:

Quando eu pergunto se vocês tão bem,  
Eu quero saber se vocês tão bem mesmo  
Daquele momento que a gente deita a cabeça no travesseiro  
E não de quando por obrigação você fala que tá suave, parceiro!  
E seu psicológico, tá inteiro?  
Ou as paranoias já te consumiu? (Theodoro, 2020)

Nessa estrofe, Tawane conversa diretamente com o público, atingindo seu aspecto mais íntimo; ela questiona sobre os momentos de reflexão profunda, em que as preocupações não são coletivas, mas pessoais; quer saber a essência dos sentimentos, não a superfície, que, por obrigação social, por vezes contradiz a verdade; quer saber se o psicológico das pessoas “tá inteiro”. Adicionalmente, nas próximas duas estrofes (“E os dias pra descanso que você nunca mais viu?” até “Ou tá só existindo e a vida tá fazendo contigo o que ela quiser?”), essas perguntas são reforçadas, expandindo o questionamento para o âmbito da saúde física, do autocuidado e da autoestima.

Tudo isso para chegar à conclusão de que a luta, a salvação, não deve ser só para “todo o pessoal”, mas também para o indivíduo. No verso em que esses termos são empregados, há um interessante jogo linguístico, construído pela ambiguidade da palavra “pessoal” (pode ser relativo a uma pessoa, no singular, ou à “gente”, de “pessoas”, no plural), que contribui para esse raciocínio. Com a+ mesma intenção, palavras que se opõem nos contextos empregados, como “salvar” e “abalar”, “empurrar” e “puxar”, embasam a principal afirmação: “eu não vivo só de luta”, sugerindo a possibilidade de uma existência multifacetada, que aceita a contradição. Entretanto, segundo a própria poeta, essa perspectiva pode decepcionar algumas pessoas, uma vez que a escritora é conhecida justamente pela sua luta antirracista e feminista, mas é importante ressaltar que, para Theodoro, antes de qualquer força militante, a escrita tem uma força íntima, pela qual flui a intensidade existente na individualidade de cada autor.

É sobre essas justificativas que as estrofes seguintes se desdobram. Nelas, o recurso principal é a repetição como escolha estilística, que dá ênfase à questão. Alguns dos termos repetidos são “eu sou” e “mas”, sendo o segundo uma conjunção coordenativa adversativa, que, portanto, contribui para um efeito de contraste. Nesse sentido, facetas dicotômicas, que compõem a identidade de Tawane, são expostas:

Eu sou sim “Eu não queria ser feminista” e “Receba a delicadeza”  
Mas também sou o dia que o machismo bateu na minha tia  
E eu nem sabia o que eu fazia (Theodoro, 2020)

Essa estrofe introduz o modelo das próximas quatro, refletindo sobre como, em contextos fora da militância, havendo envolvimento pessoal, a força presente em seu discurso nem sempre consegue se manifestar em suas ações. Assim, há uma grande vulnerabilidade em mostrar esse lado frustrante, que não consegue transparecer sua potência frente a situações difíceis; justamente nos momentos em que essa força se faz mais necessária. Ao mesmo tempo, essas situações são as que mais abalam o emocional da pessoa, que sente impotência frente a casos de racismo, por exemplo, ou até mesmo em relação às suas próprias batalhas individuais, como o +edo de “cair em depressão”. Mais uma vez, a escrevivência se manifesta como base do poema, em que as próprias contradições e fraquezas da autora, por mais que extremamente pessoais, versam com uma experiência compartilhada, funcionando como um espelho da vivência coletiva de quem milita, mas também adoece e precisa repousar.

Por isso, o aviso final de Theodoro é para que o militante descanse, para que o poeta se desconecte por algum tempo das exigências das suas pautas, para que o indivíduo observe fora da sua própria mente por algum tempo. Apenas assim o ouvinte que se identifica com essa súplica, bem como a própria autora, poderá se reerguer, aterrado em si, fortalecendo-se para, então, pensar no outro e dizer: “E aí quebrada, hoje, qual é a guerra que a gente vai enfrentar?”.

Em suma, os quatro poemas analisados evidenciam facetas complementares da pergunta de pesquisa: em “O peso das Palavras”, Theodoro usa a metalinguagem para enfatizar o poder heroico da palavra, que transforma uma realidade violenta em esperança, incentivando seu público a ocupar espaços que lhes foram – e ainda são – historicamente negados. Já em “Eu não queria ser feminista”, a ironia é o recurso principal, utilizada para dar voz às mulheres que, cansadas da violência sistemática, são incentivadas a se fortalecerem entre si para seguir resistindo.

Semelhantemente, em “Final do Slam da Guilhermina de 2021”, o público que pertence aos grupos endereçados – pessoas negras, periféricas – é

aconselhado a cuidar da própria saúde, uma ação indispensável para o ato de militar, enquanto aqueles que não pertencem – pessoas brancas, da elite – são propositalmente retirados da zona de conforto, a fim de que o incômodo se transforme em uma reflexão ativa sobre a desigualdade social. Por fim, em “Qual a guerra que nóiz vai enfrentar?”, a escrita é apresentada como uma ferramenta íntima e individual para uma luta coletiva, reconhecendo a possibilidade de uma existência multifacetada, em que a vivência pessoal e o autocuidado podem refletir e, até, mudar a vivência de todo um grupo.

## **Conclusão**

O conceito de escrevivência de Evaristo é a chave fundamental para a compreensão da obra de Tawane Theodoro. A partir desse conceito, os elementos linguísticos e as escolhas autorais que perpassam sua obra são elaborados de maneira a dialogar ainda mais intimamente com o ouvinte, ao mesmo tempo que narram vivências individuais. Esses recursos, combinados com o tom de denúncia e a interlocução direta com o ouvinte – na maioria das vezes, um público com vivências semelhantes –, contribuem para o fortalecimento da identidade coletiva.

Nesse sentido, é traçado um paralelo com a luta de outras vozes memoráveis “ativistas” da atualidade, isto é, pessoas que combinam a arte com o ativismo, exercendo papel crítico na mobilização cidadã (Sarmiento, 2025), também cooperando para o senso de coletividade. A intertextualidade não só com a obra de Jorge Aragão, mas também entre as próprias obras de Theodoro, reforça esse senso de coletividade. Assim, ao propagar uma luta multi-identitária, levando em conta os fragmentos que compõem sua vivência social, a obra de Tawane Theodoro não apenas denuncia a desigualdade social, mas também efetivamente reivindica espaço na produção cultural através da poesia falada. Portanto, apresenta-se como uma oposição à antiga estrutura política grega, ao incentivar que minorias sociais ocupem espaços sistematicamente negados, ao passo que se entendem como coletivo e, ao mesmo tempo, se prezam como indivíduos.

## **Referências**

ARAÚJO BESSA, Waldemberg et al. Trovadorismo português: a ressignificação dos elementos da poética trovadoresca na música popular contemporânea. *Aracê*, v. 7, n. 12, p. e11477-e11477, 29 dez. 2025.

CASTANHEIRO MAGALHÃES DE MORAES, Máira. Poesia marginal: um ensaio de carnaval. [S.l.: s.n.], [2025?]. Disponível em: [https://antigo.bn.gov.br/sites/default/files/documentos/producao/pesquisa/2012//maira\\_castanheiro\\_magalhaes\\_tra\\_revisado\\_0.pdf](https://antigo.bn.gov.br/sites/default/files/documentos/producao/pesquisa/2012//maira_castanheiro_magalhaes_tra_revisado_0.pdf). Acesso em: 11 dez. 2025.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26–46.)

GABRIEL REYES ALVES DA PAES, Leonardo et al. O que é racismo estrutural? | Politize!. Disponível em: <https://www.politize.com.br/equidade/o-que-e-racismo-estrutural/>. Acesso em: [data não informada].

INSTITUTO ITAÚ CULTURAL. Literatura marginal. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/termos/80250-literatura-marginal>. Acesso em: 2 set. 2025.

LIMA, Leila. A luta invisível: o legado e a resistência das mulheres negras. Radis Comunicação e Saúde, 12 mar. 2024.

RIBEIRO, Marlene. Educação para a cidadania: questão colocada pelos movimentos sociais. v. 28, n. 2, p. 113–128, 1 jul. 2002.

SARMIENTO, Susana. Revista Casa Comum. Disponível em: <https://revistacasacomum.com.br/na-pratica-12-edicao/>. Acesso em: 11 dez. 2025.

SLAM DA GUILHERMINA. Tawane Theodoro - o peso das palavras - Final Slam da Guilhermina. Disponível em: <https://youtu.be/dJa6q6DgLLg?si=19BsoXmdkNJ0Larg>. Acesso em: 12 fev. 2026.

SLAM DA GUILHERMINA. Tawane Theodoro - Qual a guerra que nós vai enfrentar? (poesia nova) | Slam da Guilhermina #224. Disponível em: <https://youtu.be/q7oPngifnlo?si=a1ZeiG5PFbmK-h9G>. Acesso em: 12 fev. 2026.

SLAM DA GUILHERMINA. Tawane Theodoro | Eu não queria ser feminista | Final Slam da Guilhermina 2017. Disponível em: <https://youtu.be/8Fu7cAQzK1k?si=TfHGIEm8HHNuKPFI>. Acesso em: 12 fev. 2026.

SLAM DA GUILHERMINA. Tawane Theodoro vencedora da Final do Slam da Guilhermina 2021. Disponível em: <https://youtu.be/nPflGXH9mBw?si=a8ufZtnedInZlcIo>. Acesso em: 12 fev. 2026.

SOARES MAGDALENO, Fabiano. A territorialidade da representação política no estado do Rio de Janeiro. Maio 2008.

Recebido para publicação em 02-09-26; aceito em 29-09-26